

A INSERÇÃO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA ESCOLA IRINEU JOFFILY (ESPERANÇA PB)

Thaís Mara Souza Pereira- Universidade Federal de Campina Grande

thaismara_estrela@hotmail.com¹

Luiz Eugênio Pereira Carvalho- Universidade Federal de Campina Grande

luizeugeniocarvalho@gmail.com²

“Tolerar a existência do outro e permitir que ele seja diferente, ainda é muito pouco. Quando se tolera, apenas se concede, e essa não é uma relação de igualdade, mas de superioridade de um sobre o outro”.

José Saramago

Resumo

A discussão do processo de inclusão está cada vez mais presente no debate sobre a educação. A escola se apresenta como um espaço ideal para este processo, já que a mesma pode possibilitar ao agente receptor um espaço de interação social com os demais grupos sociais. A escola deve ter como compromisso o objetivo educacional de proporcionar um ambiente apropriado os Alunos com Necessidades Educacionais Especiais (ANEEs). Esta pesquisa objetiva realizar uma reflexão acerca do processo de inserção dos ANNEs na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Irineu Joffily, situada no Município de Esperança/PB. Pretende-se entender o funcionamento; perceber algumas dificuldades encontradas para a execução de tal projeto; a partir da apresentação da primeira experiência de uma graduanda com o estágio na escola e seu primeiro contato com a temática abordada. Teve como apoio teórico os autores: Nogueira (2009); Costa (2011); Mendes (2010); Machado & Albuquerque (2012) e Batista (2006). Para tanto, realizou-se os seguintes procedimentos qualitativos: a) solicitação para acompanhamento de atividades desenvolvidas na sala; b) observação participante; c) Entrevistas individuais; e, d) registros fotográficos. A Instituição possui uma sala específica onde é desenvolvida o atendimento para atividades educacionais de caráter especial à 13 Alunos com Necessidades Educacionais Especiais. Para a execução das atividades na sala existe o acompanhamento de uma pedagoga. Através desta experiência percebe-se que ainda é feito pouco, haja vista que apenas aceitamos as diferenças dos outros, sem necessariamente comprometer-se nas ações para o desenvolvimento intelectual dos alunos; isto não se apresenta como uma atitude educativa, nem estamos exercendo verdadeiro compromisso com a educação.

Palavras Chave: Inclusão; Atendimento Educacional Especializado; Estágio Supervisionado.

¹ Graduando (a) em Geografia pela Universidade Federal de Campina Grande-PB.

² Professor Adjunto do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande.

Abstract

The discussion of the inclusion process is increasingly present in the debate on education. The school presents itself as an ideal space for this process, since it may enable the receiving agent a space for social interaction with other social groups. The school must be committed to the educational goal of providing an appropriate environment Students with Special Educational Needs (Anees). This investigation aims at a reflection on the insertion of the Annes the Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Joffily Irineu, located in the City of Esperança / PB. Seeks to understand the operation; notice some difficulties in the execution of such a project; from the presentation of the first experience with an undergraduate internship at school and his first contact with the theme. Was theoretically support the authors: Nogueira (2009); Costa (2011); Mendes (2010); Machado & Albuquerque (2012) and Batista (2006). To do so, we carried out the following qualitative procedures: a) request for follow-up activities in the room; b) participant observation; c) Individual interviews; and, d) photographic records. The institution has a specific room where the service is designed for educational activities of special character to 13 Students with Special Educational Needs. For the implementation of the activities in the room there is monitoring a pedagogue. Through this experience you realize that is still done little, only accept the differences of others, without necessarily committing themselves in the action to the intellectual development of students; is not an educational attitude, nor are we exercising real commitment to education.

Key words: Inclusion; Educational Specialized care; Supervised.

Introdução

A discussão do processo de inclusão está cada vez mais acentuada no universo acadêmico do nosso país. A inclusão de pessoas em diferentes espaços da sociedade tem gerado muita polêmica, em especial no sistema educacional brasileiro, haja vista, a necessidade de implantação de variados recursos para a consolidação de dado processo (NOGUEIRA, 2009).

A escola se apresenta como um espaço ideal para este processo de inclusão, pois a mesma pode possibilitar ao possível agente receptor desta inclusão, um espaço de interação social com os demais grupos sociais ali envolvidos. Costa (2011) define que: “a escola tem importante papel, necessitando ser o primeiro ambiente a promover e valorizar a diversidade, possibilitando a inclusão”.

Na escola necessita- haver como comprometimento o objetivo educacional de proporcionar um ambiente apropriado para que os Alunos com Necessidades Educacionais Especiais (ANEES) consigam seu espaço, consolidando novas interações com as outras pessoas que ali atuam. Sendo esta, um dos poucos lugares que pode ser capaz de apresentar este espaço, haja vista, que a mesma, se garantida pelo serviço de

ensino poderá oferecer não só uma estrutura física apropriada, como também um espaço de convivência e interações simultâneas.

O atendimento em Educação Especial no Brasil começa a partir de 1854 com iniciativas oficiais do antigo império e de algumas instituições particulares. Como assegura Mendes (2010) que as primeiras iniciativas oficiais de atendimento educacional para as pessoas com deficiências surgiram a partir da segunda metade do século XIX com a criação de duas instituições públicas: Imperial Instituto dos Meninos Cegos, em 1854 e o Instituto dos Surdos-Mudos, em 1856.

No que se refere ao atendimento no ensino público a Constituição do Brasil (1988), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (n. 9.394/96) e as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (2001) sustentam que a Educação Especial é uma modalidade de educação escolar, a ser oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, perpassando todos os níveis da educação (MACHADO & ALBUQUERQUE, 2012).

Consta nas Diretrizes Pedagógicas da LDB/97 (Lei de Diretrizes Básicas), que a inclusão desses alunos deve ocorrer: com a Inclusão em Classe comum; Integração Inversa; Classe especial. Cabe aos órgãos responsáveis pela gestão da educação brasileira possibilitar tais diretrizes de ensino para garantir aos ANNEs o acesso ao direito da educação de qualidade, para que estes possam desenvolver e aprimorar habilidades e competências (COSTA, 2011).

Diante do exposto, o referido artigo propõe realizar uma reflexão acerca do processo de inserção dos ANNEs na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Irineu Joffily, situada no Município de Esperança PB. Mais especificamente realizar observações na sala AEE (Atendimento Educacional Especializado). Pretende-se entender o funcionamento; perceber algumas dificuldades encontradas para a execução de tal projeto; bem como apresentar minha primeira experiência de estágio, e meu primeiro contato com a temática aqui abordada. Que como assegura Batista(2006):

“[...] o atendimento educacional especializado deve permitir que aluno saia de uma posição de “não-saber”, ou de “recusa de saber” para se apropriar de um saber que lhe é próprio, ou melhor, que ele tem consciência de que o construiu”.

A AEE é um Projeto do Governo Federal que complementa e/ou suplementa a formação do aluno com vistas à autonomia e independência na escola. Constitui oferta

obrigatória dos sistemas de ensino, embora participar do AEE seja uma decisão do aluno e/ou dos pais responsáveis (BATISTA, 2006)

A curiosidade para escrever este texto surgiu de atividade desenvolvida durante a execução do estágio supervisionado. O docente responsável pelo Estágio Supervisionado orientou que uma das atividades a serem desenvolvidas na escola seria a “Primeira Impressão”. Uma denominação utilizada pelo professor para nossa primeira atividade que funcionava da seguinte forma: na primeira vez que fôssemos à escola teríamos que capturar uma foto de alguma coisa, alguém ou algo que nos tivesse chamado à atenção. Tive dificuldade, confesso! Haja vista que, de início muitas coisas “me chamara atenção”. Estava pela primeira vez tendo contato com algo que seria o meu futuro, o magistério. O contato com a escola, seu desenvolvimento efetivo, os professores atuando, os alunos, os funcionários, enfim toda a dinâmica escolar me deixara admirada. Entrar na escola com o “olhar de Futura Professora”, posso afirmar que é bastante diferente do “olhar de aluna atuante”.

Após conversas com funcionários, diretora e agentes administrativos soubera da existência de uma sala com atendimento educacional de caráter especial. Não sabia como era seu funcionamento, ainda não tinha tido contato com a responsável pela sala, mesmo assim, levei ao professor meu desejo em realizar minha atividade de “Primeira Impressão” com esta área educacional desenvolvida na escola. Adotei como justificativa para tal escolha, a necessidade em conhecer mais sobre o projeto, e por ser o mesmo o único da área desenvolvido no município de Esperança-PB. Haja vista que a sala de AEE existente na escola apresenta uma das melhores contribuições sociais, proporcionando uma “porta de integração” entre as diferenças impostas pela sociedade.

Metodologia

Para efetivar os objetivos da atividade realizaram-se os seguintes procedimentos metodológicos:

- Solicitação à administração da escola a possibilidade de acompanhamento de atividades desenvolvidas na sala;
- Observação Participante com os alunos;
- Entrevistas individuais com funcionários e cuidadoras;

- Entrevista com a pedagoga responsável pelo acompanhamento e efetivação das atividades com os alunos;
- Registros Fotográficos.

Análise dos Resultados

A Escola Irineu Jofflily possui uma sala denominada de AEE (Atendimento Educacional Especializado), que desenvolve o atendimento para atividades educacionais de caráter especial a 13 Alunos com Necessidades Educacionais Especiais. Dos Treze, dois possui Síndrome de Down, um Paralisia Motora (esta aluna é cadeirante, valendo a ressalva que a cadeira de rodas utilizada por ela, foi impetrada pela própria escola), um com Paralisia Cerebral, e o restante possui necessidades no processo de aprendizagem, mais especificamente, estes têm dificuldade em lê, escrever, formar palavras, identificação correta das cores, etc.

A sala de Atendimento Educacional Especializado apoia o desenvolvimento do aluno com deficiência, transtornos gerais de desenvolvimento, disponibilizando o ensino de linguagens e de códigos específicos de comunicação e sinalização. Oferece tecnologia assistida (TA), adequando e produzindo materiais e recursos em sala de aula sem, contudo, interferir no ensino dos conteúdos curriculares.

Para a execução das atividades na sala de AEE existe o acompanhamento de uma pedagoga, com experiência em inclusão (Figura 01). A mesma já realizou diversos trabalhos sobre esta temática. Vale a ressalva que, em entrevista com a mesma, foi proferido que a esta possui uma filha com necessidades especiais, validando ainda mais a sua experiência profissional para lidar com crianças que necessitam de um atendimento especializado e experiente. A pedagoga acompanha os alunos apenas nas atividades desenvolvidas na sala da AEE, nos demais ambientes da escola os mesmos são vistoriados por cuidadoras³ (sendo uma no turno da manhã e outra no turno da tarde).

³ Pessoa responsável por acompanhar o aluno nos demais ambientes da escola, como ir ao banheiro, ir ao refeitório, etc.



Figura 01. Sala de Atendimento Educacional Especializado.
Fonte: Acervo do Autor (a)

No que se referem aos horários, as atividades ocorrem todas segundas e quartas (manhã e tarde), de modo que, os alunos que estudam no turno da manhã freqüentam a AEE à tarde, e os alunos que estudam à tarde freqüentam a sala de manhã. No restante da semana, os alunos freqüentam as salas normalmente com os demais alunos da escola, possibilitando uma maior integração entre os mesmos, auxiliando na diminuição no processo de exclusão existente em muitos ambientes da sociedade. Corroborando com a Educação Especial que requer uma Integração Inversa, necessitando existir salas de caráter transitório, com alunos com e sem necessidades especiais, promovendo a socialização, alfabetização, troca de vivências, adaptação com as diferenças sociais e aquisição de comportamentos adaptativos.

Na sala AEE são desenvolvidas variadas atividades com os alunos, dentre elas: Jogos Educativos (dominó, quebra-cabeça, caça palavras, etc.; [Figura 02]), dança, música, dentre outros.



Figura 02. Jogos Educativos.
Fonte: Acervo do Autor (a).

Na sala também existe dois computadores (Figura 03), onde os alunos brincam com jogos interativos na rede, assistem a vídeos, desenham, leem; sendo todas estas atividades com caráter educativo, possibilitando ao aluno um contato com dinâmicas e experiências, quiçá antes, não tidas em casa e/ou em outras escolas. Ainda existem outros equipamentos na sala, tais como: Máquina Braille e uma Lupa (caso matricule-se na escola algum aluno com deficiência visual), uma Bandinha Rítmica (diversos instrumentos musicais para o desenvolvimento intelectual dos alunos no contexto da música), um Esquema Corporal (existe um Esquema Corporal Masculino e outro Feminino, possibilitando a apresentação dos diferentes órgãos do ser humano), um Tablet (este é usado mais constância pela aluna cadeirante, pois esta possui dificuldade motora nas mãos e usa o equipamento para realizar movimentos com os dedos, ajudando na flexibilização destes), entre outros.



Figura 03. Computadores e Impressora unicamente utilizados para a AEE.
Fonte: Acervo do Autor (a).

No que se refere às dificuldades encontradas pela pedagoga, a mesma afirmou que apenas o aluno com paralisia cerebral apresentou alguma tipo de recusa em permanecer na sala para realizar as atividades direcionadas; agindo, muitas vezes com violência e relutando em participar. Porém, com o convívio com os demais alunos, e com a professora responsável, a situação está mais controlada, este já participa e se integra melhor as atividades desenvolvidas. A pedagoga alega que aos poucos, o profissional aprende a conhecer cada aluno, seu respectivo comportamento e suas mudanças de humor. Também já é possível identificar qual atividade que o aluno mais gosta, assegurando que para um melhor êxito na atuação e realização das atividades é necessário gostar de trabalhar com esta área e ter paciência em lidar com as diferentes necessidades de cada aluno.

A pedagoga ainda assegurou seu comprometimento em sempre estimular a participação dos alunos nas diferentes atividades da escola, como gincanas, eventos (dia das mães, dia dos pais, São João, Copa.), também os leva para a biblioteca municipal, onde alguns leem, outros olham os desenhos dos livros, enfim, realizam variadas atividades além perpassando os limites da escola.

Conclusão

Através desta pequena experiência neste ambiente escolar percebe-se que ainda é feito muito pouco; haja vista que apenas aceitamos as diferenças dos outros, sendo necessário comprometer-se, pelo menos nós, futuros professores. Precisamos arriscarmo-nos na tentativa de assegurar uma vida digna, justa e confortável para todos, em especial para nossos alunos. Afinal, sem eles nós não existimos! É uma relação de troca, onde nenhum pode ganhar mais ou menos, e sim, uma troca equitativa de derivados saberes.

No início da realização da atividade do estágio, ponderei em realizar minha atividade com diversos temas, como a má estrutura física da escola, o monitoramento com câmeras em toda a instituição, a coleta seletiva, enfim, pensei em diversos temas. Porém, percebi que uma das funções essenciais da escola é promover a integração de seres sociais distintos, possibilitando uma troca mútua de saberes, dinamizando a vivência pessoal, e integrando pessoas no contexto da educação. E que para discorrer sobre a escola não seria necessário frisar apenas elementos ruins, muitas vezes por

elementos estruturais, mas sim, por ações concretizadas que apresentem o desenvolvimento intelectual da escola e traga o respaldo social tão necessário.

No que se refere ao caso específico AEE, acredito que o comprometimento da pedagoga e das cuidadoras em sempre estar inserindo os alunos nas atividades complementares da escola possibilita aos mesmos uma maior interação e subsidia para que estes não se sintam excluídos. Como também as atividades se mostram importantes para que os demais alunos da escola alcancem o conhecimento primordial em perceber a importância de conviver com as dificuldades no desenvolvimento de certas habilidades, distintas de cada ser humano. Deste relato, cabe destacar a importância destas ações para o desenvolvimento intelectual dos alunos envolvidos nas atividades e o comprometimento dos agentes sociais ali envolvidos, como também, a disponibilização do ensino especializado para com a comunidade.

Referências Bibliográficas

BATISTA, Cristina Abranches Mota. **Educação inclusiva: atendimento educacional especializado para a deficiência mental**. [2. ed.] / Cristina Abranches Mota Batista, Maria Teresa Egler Mantoan. – Brasília : MEC, SEESP, 2006.

COSTA, Laurinda do Nascimento. **A Inclusão Escolar de um Aluno com Síndrome de Down: Um estudo de Caso**. Universidade de Brasília-UnB, 2011.

MACHADO, Laêda Bezerra & ALBUQUERQUE, Ednea Rodrigues de. Inclusão de alunos com deficiência na escola pública: as representações sociais de professoras. Ver. **Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 12, n. 37, p. 1085-1104, set./dez.2012.

MENDES, Enicéia Gonçalves. Breve histórico da educação especial no Brasil. **Revista Educación y Pedagogía**. Vol. 22, num. 57, mayo-agosto, 2010.

SILVA, Brígida Karina Liechocki Nogueira. Inclusão Escolar de uma Criança com Síndrome de Down. **IX Congresso Nacional de Educação-EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. 26 a 29 de outubro de 2009-PUCPR.